

# O APRENDIZADO DA INTERDIÇÃO: O EROTISMO, A FIGURA DO PAI E A CONTEMPORANEIDADE EM CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS

Joaquim Mamede de Carvalho e Silva Neto<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo proposto tem como objeto o estudo do erotismo presente no livro *Caderno de Memórias Coloniais* (2018), de Isabela Figueiredo, principalmente na figura do pai, que é masculina e colonizadora, partindo do conceito erótico proposto por Bataille (2014), isto é, o interdito, que gerará as suas transgressões. A partir da busca da compreensão dessa presença e do que ela significa ao decorrer da narrativa, procurou-se fazer um estudo de como o erotismo permeia todo o escrito, tendo em vista que, enquanto a história é narrada, questões relacionadas ao âmbito erótico perpassam toda a fase de crescimento da personagem principal, a autora, o que traz bastante material a ser estudado e pesquisado. Além disso, por meio deste breve estudo, pretende-se comentar, também, acerca das principais questões relacionadas à contemporaneidade, tempo em que este livro está inserido, como a autoficção e a escrita de si, o uso da informalidade da linguagem verbal, a relação do eu com o outro e a corporeidade presente no ato. Para tal, foram utilizados estudos teóricos como os de Klinger (2012), Hutcheon (2014) e Ribeiro (2012). Por meio desta pesquisa, foi possível compreender o papel do pai enquanto figura erótica, masculina e colonizadora, fazendo com que a narradora-personagem da narrativa aprendesse, ainda que por meio da interdição, isto é, do não dito, como se configurava a estrutura social presente em Lourenço Marques, cidade colonial onde moravam, e a importância da figura paterna para a existência não só do escrito, como da consciência da

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) na área de concentração de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, joaquimmamede@letras.ufrj.br;

personagem principal.

**Palavras-chave:** Caderno de memórias coloniais. Erotismo. Literatura portuguesa contemporânea.

## INTRODUÇÃO

O artigo proposto tem como objeto o estudo do erotismo presente no livro *Caderno de Memórias Coloniais* (2018), de Isabela Figueiredo, principalmente na figura do pai, que é masculina e colonizadora, partindo do conceito erótico proposto por Bataille (2014), isto é, o interdito, que gerará as suas transgressões. A partir da busca da compreensão dessa presença e do que ela significa ao decorrer da narrativa, procurou-se fazer um estudo de como o erotismo permeia todo o escrito, tendo em vista que, enquanto a história é narrada, questões relacionadas ao âmbito erótico perpassam toda a fase de crescimento da personagem principal, a autora, o que traz bastante material a ser estudado e pesquisado.

Além disso, por meio deste breve escrito, pretende-se comentar, também, acerca das principais questões relacionadas à contemporaneidade, tempo em que este livro está inserido, como a autoficção e a escrita de si, o uso da informalidade da linguagem verbal, a relação do eu com o outro e a corporeidade presente no ato.

Sendo assim, é possível dizer que há algo de singular quando alguém narra sua história. Principalmente, quando este indivíduo é uma mulher que testemunhou, desde a mais tenra idade, as atrocidades coloniais existentes à época. Muitas vezes vista como uma forma de redenção, um acerto de contas com si mesmo e/ou com o outro, a autoficção, tipo de escrito autobiográfico presente no livro em questão, desperta a curiosidade de diversos leitores devido à abordagem das mazelas da colonização ligadas ao que se passava na vida íntima da narradora-personagem enquanto crescia e fazia as próprias descobertas em um Moçambique subalterno a Portugal.

*Caderno de Memórias Coloniais* (2018) é uma narrativa contemporânea, da autora Isabela Figueiredo, que foi publicada no ano de 2009 em Portugal e em 2018 no Brasil. O livro diferencia-se dos demais que abordam a temática do colonialismo por se tratar do ponto de vista dos filhos da Guerra Colonial e da ditadura implantada por esse regime, indo, nesse sentido, para além do que era comumente observado na literatura que explorava o assunto, e que costumava ter como autores os retornados de África que lutaram nas guerras, como no caso de *Os Cus de Judas* (2003), de Antônio Lobo Antunes. Ou seja, pela primeira vez, de acordo com Ribeiro (2012), a narrativa é escrita por alguém que nasceu, cresceu e fez suas primeiras descobertas em meio a este período tão obscuro das

histórias portuguesa e africana. (RIBEIRO, 2012, p.93). Esta é uma narrativa repleta de autorreferencialidade e autorreflexividade do corpo da escrita, sendo, como define Hutcheon (2014), uma escrita narcísica e des-sacralizante, como é típico da Isabela Figueiredo.

Outro aspecto importante de se ressaltar sobre o livro é que, como o seu próprio nome já explicita, ele é um caderno de memórias, isto é, uma espécie de ficção-diário da vida íntima da autora, no qual os fatos narrados se misturam com suas lembranças da infância e da sua juventude em Lourenço Marques (atual Maputo), capital de Moçambique, em um contexto de guerra colonial entre o país e Portugal.

Dessa maneira, uma vez que o escrito é pertencente tão intimamente ao âmbito pessoal, não é de se surpreender que a autoficção esteja presente a todo o momento nessa narrativa, construindo, assim, uma subjetividade que abre brechas para a construção do caráter narrativo de uma trajetória existencial, ou seja, a todo momento há, na obra, uma eterna dualidade, de acordo com o propõe Klinger (2012), entre o ver x ouvir e o pensar x sentir da personagem principal, testemunha presencial do colonialismo em África/Moçambique. (KLINGER, 2012) Então, o estado de cisão no qual a autora se compreende, isto é, de sempre ser a filha do colono na terra em que nasceu (FIGUEIREDO, 2018), a torna um ser de fronteira, reforçando o entrelugar em meio ao real e o ficcional no seu discurso, ao relatar os acontecimentos presentes durante a infância e a adolescência na capital moçambicana. Essa sensação de não pertencimento, ou seja, de descontinuidade, de certa forma, encontra-se com erotismo, uma vez que “entre um ser e outro, há um abismo, uma descontinuidade.” (BATAILLE, 2014, p.36), ou seja, essa eterna busca pelo pertencimento e continuidade da autora, em toda a sua vida, vai diretamente ao que propõem os pressupostos teóricos de Bataille sobre o erotismo.

Logo, este artigo analisa algumas das questões expostas nesta breve introdução, seguindo o referencial teórico aqui sugerido, o que parece tornar Caderno de Memórias Coloniais um livro tão poderoso, corajoso e informativo.

## **METODOLOGIA**

A metodologia deste artigo implica em uma revisão bibliográfica expositiva, coletando o que de mais importante já foi pesquisado e encontrado sobre a temática que permeia o livro Caderno de Memórias

Coloniais (2018), sempre passando pelo cerne filosófico principal escolhido, que foi o Erotismo, de Bataille (2014). Foi escolhido esse tipo de estudo devido à eficácia já comprovada deste tipo metodológico e a importância de refletir sobre a essência das questões principais envolvendo as narrativas contemporâneas portuguesas.

Pretendeu-se trazer, por meio desta pesquisa, uma maior familiaridade do tema com o problema destacado, que seria a questão erótica envolvendo o pai/pátria e as questões relacionadas à contemporaneidade. A partir desse processo metodológico, foi tido como objetivo construir novas hipóteses ou torna-lás mais explícitas, a fim de aprimorar, assim, as ideias e descobertas nas quais foram feitas com base na revisão bibliográfica somada ao crivo erótico pré-selecionado como objetivo principal, no qual pretende-se que esse artigo responda como tal. (GIL, 2007, p.30)

Sendo assim, ao longo do estudo, foi efetuada uma revisão bibliográfica do assunto, reportando-se a livros, artigos científicos, periódicos especializados, além de trabalhos de pós-graduação (dissertações e teses) que irão ser buscados em plataformas como SciELO, entre outros. Foram utilizadas as palavras chave: “Caderno de Memórias Coloniais”, “Erotismo” e “Literatura Portuguesa Contemporânea” para que fosse efetuada a pesquisa de trabalhos científicos relacionados a esses assuntos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Ao meu pai” (FIGUEIREDO, 2018, p.26) – eis a frase que abre o livro *Caderno de Memórias Coloniais*. Daí em diante, ao longo de suas cento e oitenta páginas, é possível observar a construção entre o pai e a pátria presentes na narrativa de Isabela Figueiredo, ambos sempre representando a face mais dura e masculina do colonialismo, porém, também, a mais densa e erótica, sempre atrativa aos olhos da protagonista, que demonstra um forte complexo de Electra pelo pai.

Pouco após o início-dedicatória ao próprio pai, eis o seguinte trecho de abertura:

Disse alto, com voz forte e jovial, muito perto da minha cabeça:

-Olá!

Era um olá grande, impositivo, ao qual me seria impossível não responder. Reconheci a sua voz, e, ainda no sono, pensei, não podes ser tu; tu já morreste.

E abri os olhos. (FIGUEIREDO, 2018, p.31)

Neste fragmento, é possível já perceber o pai como espectro do colonialismo, pois apesar de ele já ter falecido, a sua voz continua viva, impositiva, impossível de ser ignorada. Este marco do início da narrativa já demonstra a fusão entre a figura do pai e da pátria, que percorrerá todo o livro, além de marcar as vozes que se mesclam, de forma que é difícil até mesmo identificar quando se trata do pai ou do colonialismo referente à pátria, uma vez que, de acordo com o que Paulina Chiziane cita no prefácio do livro em questão: “O colonialismo é masculino. O macho agressor invade. Penetra no mais profundo da intimidade, de armas em riste, agride e mata, como um violador de mulher na estrada deserta.” (CHIZIANE, 2018, p.15)

É possível, também, perceber que a narrativa é permeada de palavras informais, marcando a oralidade (característica muito comum nas literaturas africanas de língua portuguesa) e também demonstrando um registro linguístico que pode ser considerado de “baixo calão”. No capítulo três, a personagem principal fala um pouco sobre seu pai e seu gosto por “foder”: “Foder. O meu pai gostava de foder. Eu nunca vi, mas via-se.” (FIGUEIREDO, 2018, p.37) Veja bem que não era transar, era “foder”, e essa diferença é bem demarcada neste capítulo, enquanto a autora comenta seu abrir de olhos para a relação sexual de seus pais e suas primeiras vivências de ver sua figura paterna desejando uma outra mulher pelas ruas. Nesse capítulo, fica clara a diferença entre o corpo masculino e o feminino, assim como o do branco e o do negro, no que diz respeito ao foder: de acordo com a narradora do livro, os homens brancos fodiam e gostavam disso, às mulheres brancas não eram permitido gostar do ato: faziam-no apenas por obrigação; as negras, dos corpos que representavam o país colonizado, essas sim, de acordo com o que diziam os colonos, gostavam de foder, principalmente quando quem as procuravam eram os homens brancos. (FIGUEIREDO, 2018, p.40-42).

Fica evidente, portanto, que o exercício de controle sobre outros corpos, principalmente os femininos e negros, encontra-se com o que Toni Morrison explicita em *A origem dos outros* (2019), quando diz que “a desumanização racista não é apenas simbólica” (MORRISON, 2019), uma vez que esta delimita as fronteiras de poder. Portanto, o racismo é uma das ferramentas que fazem com que exista “o outro”, ainda que esse outro seja o pertencente da terra colonizada, antes mesmo do colonizador ali chegar. Sobre essa questão, a autora escreve:

O racismo faz diferença. Ser um Outro neste país faz diferença, e a verdade desanimadora é que provavelmente

continuará a fazer. É raro que comunidades humanas abram mão de privilégios por simples altruísmo, e, portanto, o único mundo em que se pode imaginar os apoiadores da branquitude renunciando à sua religião é um mundo em que seus privilégios se transformem num luxo ao qual eles não se podem dar. (MORRISON, 2019)

A todo o momento, durante a narrativa, fica claro como o colono gozava dos prazeres, principalmente três deles, explicitados por Figueiredo (2018, p.42): “comer, beber e foder”. Assim, é possível perceber como os colonos viam a terra colonizada, isto é, como um território para se explorar e dele tirar tudo para o seu próprio prazer, da gula à luxúria, como se tudo e todos daquele lugar estivessem ali para o servir e lhe pertencessem. Essa questão da corporeidade mostra como certos corpos são deflagradores do poder (masculino e branco) em comparação com outros corpos submissos (feminino e negro), que funcionam como uma metáfora para a relação portugueses x africanos. Os corpos submissos eram passíveis de serem usados ao bel-prazer dos brancos, não havendo nenhuma amarra social que os fizesse pensar duas vezes antes de violentá-los das mais diversas formas possíveis. Observa-se, portanto, que a terra africana é representada pelo corpo feminino, um continente que, na visão dos colonos, podia ser explorado das mais diversas formas, regado a muita violência, por ser a eles subalterno.

Em *Necropolítica*, Achille Mbembe (2018) deixa claro que “(...) se é livre para viver a própria vida somente quando se é livre para morrer a própria morte.” Dessa maneira, compreende-se que a falta de liberdade dada aos corpos negros, principalmente femininos, faz parte de uma política aplicada pela colonização portuguesa em Moçambique, uma vez que a metrópole decidia quais corpos coloniais mereciam viver, quais deveriam ser privados/escravizados e, até mesmo, morrer.

A compreensão da situação real do colonialismo, na qual se encontrava Moçambique naquele momento, e no que representava a figura do seu pai, começa a aparecer no capítulo 18, parte do livro-caderno que relata a época em que a personagem aprendeu a ler e se sentiu mais livre, no seguinte trecho: “Foi quando, devagar, comecei a tornar-me a pior inimiga do meu pai. A inimiga lá dentro, calada. Que vê e escuta sem ter pedido autorização, porque está incluída, porque faz parte. Foi quando comecei a tornar-me a toupeira.” (FIGUEIREDO, 2018, p.83) Percebe-se, portanto, que quando Isabela toma consciência do mundo à sua volta e se sente livre, ela percebe a representação opressora do pai-pátria, na

qual ela está unida, ainda que contra vontade, uma vez que sempre será a filha do colono. É importante frisar que das três transgressões geradas pelo interdito: erotismo, morte e o pensamento, somente o pensamento não foi resolvido pela burguesia e esta é a principal transgressão pela qual a personagem principal da narrativa vai, a todo o momento, questionar seu pai e o lugar onde vivia.

No capítulo vinte e quatro, é relatado como a autora e a família receberam a notícia do 25 de Abril e daí em diante a narrativa mostra como os africanos e os colonos reagiram a esse acontecimento, frisando o desejo dos brancos de independência, entretanto, sob poder branco, com os negros em posição subalterna como de costume até então. Em meio à sua autoficção, a autora pondera, fazendo referência ao pai, à pátria e aos africanos nesta época de início de independência: “Precisamos de tempo para compreender. Para matar. Para poder olhá-los de novo na cara com o mesmo amor. Para perdoar.” (FIGUEIREDO, 2018, p.98)

A caminho do aeroporto de Lourenço Marques para retornar a Portugal após a guerra colonial ter sido finalizada e Moçambique ter vencido, a autora reflete na narrativa: “Já estou aqui, contudo, ainda estou lá. (...) e eu só posso falar usando as palavras de fronteira, de transição, manchadas, duas que aí se formaram.” (FIGUEIREDO, 2018, p.128) Essa reflexão deixa claro o entrelugar ao qual ela se encontra, isto é, a sensação de não pertencimento seja em Portugal ou em África. No aeroporto, o pai lhe incube da missão de contar em Portugal tudo o que estava acontecendo em Moçambique, como a reação do povo africano, a fim de azedar a relação entre brancos e negros na Metrópole, já que diziam que eles estavam muito amiguinhos lá na capital portuguesa. Nesta parte, a autora deixa claro que nunca entregou a mensagem de que foi portadora, demonstrando, assim, uma traição ao pai, à pátria e ao colonialismo – três imagens que podem se reunir na mesma figura nesta narrativa. (FIGUEIREDO, 2018, p.130-132)

Apesar das diversas perdas mencionadas ao longo da narrativa, fica claro que a narradora-personagem, ao chegar a Lisboa, mantém apenas o objeto principal da escrita bibliográfica, isto é, o instrumento no qual ela redige essa autoficção, como pode se observar no trecho: “Depois veio uma tarde em que fui obrigada a dizer a verdade: “Perdi tudo exceto os meus lápis nº1”. (FIGUEIREDO, 2018, p.137) Nessa parte, fica claro que ela não perdeu aquilo que a motivava a escrever, isto é, a sua narrativa, representada, metonimicamente, pela figura do lápis utilizado ao registrar os fatos de que foi testemunha.

O capítulo 36 é o mais denso no que tange ao erotismo, pois há toda uma presença de identidade dividida em si e no outro, isto é, a descon-tinuidade do ser fica em voga nesse capítulo, no qual a autora tem uma conversa com si própria em sonho, em que ela se projeta para além de si mesma. Esse aspecto transgressor do sonho traz o conceito exposto por Bataille (2014), que diz:

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem iso-ladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos prende à individualidade fortuita, à indi-vidualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser. (...) Alguém pode sofrer por não estar no mundo à maneira de uma onda perdida na multiplicidade das ondas, mesmo ignorando os desdo-bramentos e as fusões dos seres mais simples. (BATAILLE, 2014, p.39)

Sendo assim, é possível depreender desse trecho do livro que há as três formas do erotismo, propostas por Bataille (2014), ali presentes: o erotismo dos corpos, relacionado ao corpo do seu pai e tudo que significa esse masculino colonizador para a personagem; o erotismo dos corações, quando demonstra as relações de descobertas da autora com sua colega na banheira, por exemplo; o erotismo sagrado, que seria a busca por Deus que, no livro, pode ser representada pela busca de pertencimento e de finalizar o estado de cisão no qual Isabella se encontra, isto é, o sagrado, aqui, seria a Pátria e, principalmente, a figura do seu próprio pai.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, portanto, o papel do pai enquanto figura erótica, masculina e colonizadora, fazendo com que a narradora-personagem da narrativa aprendesse, ainda que por meio da interdição, isto é, do não dito, como se configurava a estrutura social presente em Lourenço Marques, cidade colonial onde moravam, e a importância deste personagem para a existência não só do livro, como da consciência da personagem princi-pal, assumidamente a autora, Isabela Figueiredo, como esta já declarou em diversas entrevistas sobre o livro, inclusive em passagem ao Brasil para o lançamento de *Caderno de Memórias Coloniais* na Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2018.

Por fim, eis aqui uma citação retirada do capítulo quarenta e nove, um dos capítulos finais do *Caderno de Memórias Coloniais*, que expressa em forma de relato como se dá o término da relação da personagem com o pai e com a pátria, além do seu eterno estado de cisão por sentir-se em um entrelugar que, certamente, não é Portugal – tampouco África: “Um desterrado é também uma estátua de culpa. E a culpa, a culpa que deixamos crescer e enrolar-se por dentro de nós como uma trepadeira incolor, ata-nos ao silêncio, à solidão, ao insolúvel desterro.” (FIGUEIREDO, 2018, p.167)

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. São Paulo: Objetiva, 2003.

BATAILLE, Georges. **O erotimo** ; tradução Fernando Scheibe. – 1 ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014. – (FILÔ, BATAILLE)

CHIZIANE, Paulina. Sobre Caderno de memórias coloniais. In: FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018, p. 13-19.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição revisada. São Paulo: Atlas, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic narrative: the metafictional paradox**. Wilfrid Laurier Univ. Press, 2014.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. 1ª edição. São Paulo: n-1 edições, 2018

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre o racismo e literatura**. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Margarida. O fim da história de regressos e o retorno a África: leituras da literatura contemporânea portuguesa. **Itinerâncias: percursos e representações da pós-colonialidade**, P.89-99, 2012.